PRÊMIO JK

União de arte e criatividade

Artista plástica Betty Bettiol, premiada na categoria Arte que resiste ao tempo, e Leandro Mello, na Economia Criativa, ajudaram a inserir conteúdos plásticos no cotidiano brasiliense

» MARIANA REGINATO
» GABRIELA CIDADE*

Betty Bettiol, artista plástica que consolidou sua carreira na capital, recebeu na noite de ontem, o Prêmio JK pelo seu trabalho. A artista assinou trabalhos como o mural de ladrilhos hidráulicos Ordem e Desvio e obras em suítes e espaços do B Hotel Brasília, fundado em 2018. Bettiol foi condecorada na categoria Arte que resiste ao tempo.

Integrante da primeira geração de artistas da capital, Betty acompanhou as transformações da cidade ao longo de mais de seis décadas. Sua trajetória representa também parte da construção de uma identidade cultural brasiliense, desenvolvida por profissionais que chegaram à cidade ainda jovem e ajudaram a estabelecer uma cena artística local.

Betty Bettiol ficou bastante emocionada quando descobriu que seria premiada e relembrou a sua trajetória na capital. "Estou aqui há 65 anos, foi uma longa experiência que eu passei nesse tempo todo. Minha carreira foi feita aqui, eu tenho grande orgulho de ser a primeira geração de artistas da cidade. Eu cheguei jovem e a cidade era jovem também. Nós nos fizemos, eu a ela e ela a mim", destaca.

A artista plástica acredita que nada seria do mundo sem a arte. "Nada existe sem a arte. A arte é o que dá alento, que dá vontade de viver. Ver coisa bonita, orquestras, pintores, exposições. Isso é o que alegra a população. Nos proporciona muito conhecimento, porque não adianta você ter futuro sem um passado", reflete Betty Bettiol.

Em discurso, Betty faz menção à primeira casa em que morou na capital. "Ficamos numa casa muito agradável, mas nós não tínhamos nem telefone, nem televisão e nem rádio. Não tinha nada nessa casa. E quem me fazia companhia era o **Correio Braziliense**", relembra a artista.

A lembrança evidencia não apenas as mudanças vividas pela cidade, mas também a relação afetiva construída por Betty com Brasília. Depois de mais de seis décadas de arte, a artista celebra uma trajetória profissional profundamente ligada à capital, onde encontrou espaço para desenvolver sua produção e construir sua história nas artes.

Em entrevista ao **Correio**, Betty relembrava os detalhes da sua chegada em Brasília. "Chegamos aqui com uma carga e uma vontade de participar desta aventura que era Brasília. E com o coração cheio de esperança. Nós nos surpreendemos porque aqui não tinha absolutamente nada. Tudo era novidade, tudo era necessário, tudo estava por fazer. Era um desafio, uma vontade de ganhar a cidade. Tudo o que nós fizemos, eu e o Bettiol, devemos à Brasília", ressaltou.

Criatividade

O criador da Feira Motim, Leandro Mello, foi o premiado da categoria Economia Criativa do Prêmio JK.

Para Leandro, o prêmio tem um peso especial porque reconhece o trabalho feito por ele quando trabalhou no próprio jornal. "O **Correio Braziliense** foi uma escola para mim. Eu trabalhei no **Correio** durante 10 anos, de 2009 a 2018. É um reconhecimento de um trabalho que a gente vem construindo há mais de 12 anos", comenta.

Segundo Leandro, a Feira Motim está chegando à 23ª edição em 2026, e, ao todo, já reuniu mais de 3 mil expositores. "É um prazer para a gente poder trazer um pouco do Brasil para o DF e marcar esse espaço dentro da cultura e da arte gráfica de Brasília".

Com o reconhecimento, Leandro relembra os tempos de redação. Na editoria de arte do **Correio**, ele e os colegas faziam, de forma amadora, um pequeno jornal inspirado na experiência que tinham no dia a dia. Depois, a equipe da Motim viajou pelo Brasil para conhecer outras feiras, entender o movimento e buscar inspiração. Com esse repertório, Leandro criou a Motim, segundo ele, um evento "que representasse o Centro-Oeste".

Após receber o prêmio de Economia Criativa, Leandro descreve a emoção. "Eu vim representar o elo de uma corrente que representa diversos artistas, profissionais e artesãos que contribuem para inserir arte no nosso cotidiano", pontua. Para ele, o que impacta é fazer parte da comunidade artística, e afirmou ser um prazer estar "representando toda essa galera e esse povo que anda com a gente".

Premiados

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press





Leandro Mello idealizou o Motim como resistência

Artista, expositor, impressor serígrafo, produtor e idealizador do Motim, Leandro Mello é organizador desta que é a maior feira colaborativa de arte impressa do país, que nasceu como coletivo em Brasília em 2014. Leandro nasceu em São Paulo e mora em Brasília desde 1999. Ele realiza a feira sem patrocínio (o primeiro e único foi uma verba de apoio no ano passado), sem fomento, de forma totalmente independente. Hoje, a feira reúne cerca de 300 artistas por edição. O evento traz cartazes, zines, livros de artista, adesivos, ilustrações, publicações autorais, cerâmicas, toy art e diversos produtos de economia criativa. Além das bancas de centenas de artistas e expositores, o evento costuma contar com oficinas gratuitas (inclusive voltadas para o público infantil), gastronomia, apresentações musicais e artísticas de modo geral, além de discotecagem.

> "É um prazer para a gente poder trazer um pouco do Brasil para o DF e marcar esse espaço dentro da cultura e da arte gráfica de Brasília"

Realizada principalmente em Brasília (com edições em locais, como o Conic/SDS e o Sesi Lab), a feira já passou por dezenas de edições conectando o público a artistas de todo o país. Um de seus objetivos é ser um ponto de convergência da produção nacional, além de proporcionar o desenvolvimento de artistas locais em um contato direto com o público. A arte gráfica, a literatura e os quadrinhos formam o foco principal do movimento. A feira reúne artistas e expositores independentes de todas as regiões do Brasil e de outros países, fortalecendo a resistência por meio da produção artística.

Betty Bettiol, primeira geração de artistas em Brasília

Betty Bettiol é paulistana e pioneira da arte computacional em Brasília. Chegou à capital do país aos 19 anos e aqui construiu a carreira. Ela e o marido, o advogado Luiz Carlos, escolheram a cidade para construir uma família. Atribui à experiência de ter construído a cidade com os pioneiros, o segredo de tanta felicidade que acumulou ao longo da vida. Foi aqui que teve os quatro filhos.

Aqui, ela vê crescer oito netos. Em Brasília também, Betty se transformou em artista plástica, talento que herdou do pai, "italiano-pintor-boêmio". Fez parte da primeira geração de artistas brasilienses. Foi aluna da gravurista Lêda Watson, uma das maiores referências das artes visuais no Distrito Federal, por mais de cinco anos, no fim da década de 1970.

> "Nada existe sem a arte. A arte é o que dá alento, que dá vontade de viver. Ver coisa bonita, orquestras, pintores, exposições. Isso é o que alegra a população"

Ao lado de Lêda e de Anselmo Rodrigues, pintor sergipano que se radicou em Brasília no final dos anos 1970, criou um centro de cultura para ensino de técnicas diversas. Algumas de suas obras fazem parte dos acervos do Museu de Arte de Brasília (MAB) e da Casa da Cultura da América Latina. Chegou a Brasília em 1962, com a vontade de participar da aventura que a capital representava e, hoje, se consolida como um dos pilares do sucesso que ela alcançou.

Na carreira, dedicou-se à pintura de telas e trabalhos de marcenaria, que exibe em casa. É gravurista e recicla qualquer peça danificada que chega às suas mãos. Amante do artesanato, valoriza, ainda hoje, a arte que as mãos podem produzir: distante da precisão das máquinas.